

**VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho. O Trabalho no Século
XXI.
Mudanças, impactos e perspectivas.**

GT 13 Trabalho imaterial e suas configurações na “nova economia”

**Título: TRABALHO IMATERIAL E A TEORIA DO VALOR NOS *GRUNDRISSE*
EM MARX**

Autor: Jadson Cordeiro

Filiação Institucional: Universidade Federal de Uberlândia

Titulação: Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia.

Pós-graduado em Docência do Ensino Superior pela Uniasselvi – Especialização.

Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia.

**Título: TRABALHO IMATERIAL E A TEORIA DO VALOR NOS *GRUNDRISSE*
EM MARX**

Resumo simples:

Este trabalho tem por objetivo discutir a teoria do trabalho imaterial, no que tange, principalmente, a questão do valor trabalho; bem como analisar, em seus pormenores, as principais conclusões acerca das implicações sociais advindas do aprimoramento técnico no setor produtivo, que seus autores obtiveram com a leitura dos *Grundrisse* de Marx. Tais autores como: Antonio Negri, Hardt e Lazzarato partem da conclusão de que as profundas transformações do universo produtivo, tais como: reestruturação produtiva, crise do fordismo e a emergência do setor de serviços fomentaram a crise do valor trabalho em Marx, e que, devido à não tangibilidade das mercadorias produzidas pelo setor de serviços, haja vista que em Marx, o que condiciona o valor de uma mercadoria é o trabalho plasmado contido nela – mercadoria -, a mensuração do trabalho contido no produto torna-se completamente inviável. Com essa devida desproporção, surge um novo sujeito histórico, capaz de romper com a velha distinção entre aquele que vende sua força de trabalho e os donos dos meios de produção.

Resumo expandido:

O Valor, enquanto mediação econômica numa sociedade mercantil e de troca, já mesmo antes de Marx, foi objeto de análise dos economistas clássicos, tais como Adam Smith e David Ricardo; nesses autores, temos o trabalho como condição essencial na relação de valor e fonte de riqueza. Marx assume a ideia de que a mercadoria é a célula econômica da sociedade capitalista, porque ela – mercadoria – é a forma em que se apresenta o produto do trabalho social, o qual se expressa na forma de valor, ou seja, a mercadoria apresenta-se, na sua forma natural, como valor de uso, e na sua forma social, historicamente estabelecida, como valor de troca. Nesse modo, a mercadoria adquire valor, não apenas pelas suas propriedades naturais que demandam das necessidades da sociedade, mas também das relações sociais de produção que se estabelecem.

O objeto de nossa pesquisa será, com seus devidos recortes teóricos, o trabalho enquanto categoria condicionante do valor, ou seja, o valor-trabalho; nossa análise partirá do pensamento de Marx acerca da produção de riqueza na sociedade capitalista, pautada na exploração do trabalho alheio, visto como fonte primordial de valor no capitalismo. Marx assume a ideia de que a mercadoria é a célula econômica da sociedade capitalista, porque ela – mercadoria – é a forma em que se apresenta o produto do trabalho social, o qual se expressa na forma de valor, ou seja, a mercadoria apresenta-se, na sua forma natural, como valor de uso, e na sua forma social, historicamente estabelecida, como valor de troca. Nesse modo, a mercadoria adquire valor, não apenas pelas suas propriedades naturais que demandam das necessidades da sociedade, mas também das relações sociais de produção que se estabelecem.

Um conjunto de fatores influenciou a crítica estrutural da teoria do valor-trabalho a partir dos anos 70 do último século; aqui atentaremos a apenas alguns fatores essenciais. A crescente automação industrial retirou inúmeros trabalhadores do setor produtivo, dado ao incremento técnico e ao uso de novas tecnologias produtivas; com o avanço da técnica na produção deu-se um *boom* no setor de serviços, principalmente serviços informacionais. A refração do modelo fordista-taylorista de produção – lembremos que o modelo fordista teve como características básicas a produção de bens de consumo homogêneos e em grande escala, a organização vertical do trabalho e sua divisão racionalmente compartimentada no interior das fábricas com a utilização de

uma mão de obra pouco qualificada -, a emergência do toyotismo como *modelo de produção*, o Operaismo na Itália, a derrocada do *welfare state* no Ocidente, a reestruturação produtiva, o desenvolvimento do neoliberalismo e as sucessivas crises financeiras, tudo isso fomentou a crise teórica clássica do valor-trabalho de Marx.

Nesse contexto histórico, as teses de Marx e, especialmente, a teoria do valor-trabalho, passaram a ser bastante criticadas. As críticas concentraram na ideia de que a teoria do valor-trabalho estaria relacionada, tão e somente, ao trabalho industrial. Com a indicação do fim da hegemonia industrial, superada pelo setor de serviços e, posteriormente, pela financeirização da economia, a teoria do valor-trabalho foi tida como anacrônica e ultrapassada. As teorias críticas do valor-trabalho basicamente se sustentam em dois eixos centrais: a diminuição do tempo de trabalho necessário à produção, dado ao advento da técnica, e a retração da produção dita material, a mercadoria, onde estaria plasmado o trabalho, dada pelo aumento exponencial do setor de serviços. E é justamente pelos serviços serem de natureza abstrata, subjetiva e imaterial que a Teoria do Trabalho Imaterial emergiu. A ideia geral é de que haveria um distanciamento das novas formas de trabalho – imaterial, informacional, cognitivo – em relação às atividades de constituição física dos objetos produzidos. O trabalho que tem por matéria-prima as capacidades intelecto-cognitivas não poderia, segundo a teoria, ser analisado pelo mesmo *estatuto teórico* daqueles trabalhos que tem como matéria-prima o material, diria, o material em sua expressão tangível – no sentido físico do termo. Em síntese, na teoria em questão, tem-se a ideia da natureza das mercadorias apenas como conjunto de objetos físicos.

Como consequência da ideia acima, a produção imaterial, como produção onde há o predomínio das “capacidades intelectuais” em detrimento da produção material, onde o que predomina, grosso modo, é a capacidade física, surge uma questão intrigante: se a teoria do valor-trabalho de Marx analisa a produção e a valorização do capital apenas relacionado à materialidade, ou seja, a produção de mercadorias tangíveis, como mensurar o tempo de trabalho necessário à sua produção? Como calcular o *quantum* de trabalho presente em um serviço? Sendo assim, então, a teoria de Marx perderia sua validade analítica.

No decorrer desse trabalho partiremos da hipótese de que a análise do sistema produtivo capitalista de Marx não se prende, tão somente, à tangibilidade da mercadoria, e também

demonstrar que mesmo com a ascensão do aprimoramento técnico no setor produtivo, e sua consequente diminuição do tempo de trabalho, tal fato não remete a um novo paradigma produtivo calcado não mais no trabalho abstrato e nos seus desdobramentos sociais.

O debate sobre a teoria do trabalho imaterial possui como principais referências teórico-autoriais André Gorz, Antonio Negri e Maurizio Lazzarato. Andre Gorz, já de longa data, contribui para a sociologia do trabalho, e uma de suas obras mais recentes *O Imaterial* (2005) servirá para nós como análise-síntese do conjunto de seu pensamento. Negri e Lazzarato (2001) pertencem à outra tradição de pensamento que teve início com o operaismo italiano. Esses últimos autores citados chegam ao extremo da teorização, ao concluírem que o capitalismo, pautado na exploração do trabalho alheio, foi superado, e que hoje viveríamos sob a égide do socialismo. Não adentraremos nessa questão, o que nos interessa é investigar o valor-trabalho em Marx, teoria essa ainda com respaldo na realidade contemporânea.

O debate sobre a centralidade do trabalho imaterial, e de sua força transformadora, tomou nas últimas décadas volume e influenciou muitas teses da economia política e da sociologia do trabalho. O eixo central desse discurso indica uma linha de raciocínio quase que mecanicista, segue: transformações nas qualificações profissionais, no conteúdo do trabalho e na produção teriam alterado a lógica da produção de mercadorias, colocando a teoria do valor em xeque, dada a impossibilidade de mensuração do valor-trabalho dos produtos imateriais.

Tal discurso concentra-se em alguns equívocos teóricos. O primeiro deles, e o mais proeminente, está na relação direta entre produção material e produção física. Toma-se a contraposição entre material e imaterial, considerando o primeiro como matéria física e o segundo como não matéria. Segue o raciocínio do equívoco: é o de que a materialidade ou a imaterialidade caracterizam-se com base na utilidade do produto ou mesmo no conteúdo das qualificações profissionais dos produtores envolvidos no processo de produção.

Está ausente desse discurso, por exemplo, a consideração de que a materialidade histórica é determinada pelo conjunto de relações sociais que constituem a organização do processo de produção. Logo, a materialidade do conjunto das relações sociais é reduzida

a sua dimensão física, caracterizada, sobretudo, pelas determinações do valor de uso do trabalho e do trabalhador.

Desenvolveu-se, com isso, os teóricos do trabalho imaterial, uma oposição teoricamente não eficaz e, sobretudo, não dialética entre material e imaterial, como eixo explicativo sobre, por exemplo, a produção da informação. A mercadoria informação deixa, com isso, de ser considerada dentro do universo da produção de valor, haja vista que ela – mercadoria –, de natureza cognitiva, se diferenciaria dos produtos oriundos da indústria tradicional, dita indústria de produtos tangíveis.

Em função desse discurso, a noção de *indivíduo social*, indicada por Marx nos *Grundrisse*, é retomada, pois, a articulação entre economia e política, projetada por Antonio Negri e André Gorz, autores citados nesse trabalho, constitui-se, pontualmente, com base nessa noção de *indivíduo social*.

Ao descreverem uma produção de novo tipo, que superaria a lógica limitada do capital, os autores do trabalho imaterial indicam a constituição de uma nova subjetividade do trabalhador, reconhecendo, na produção imaterial, o conjunto de critérios que comporiam o sujeito e a luta política a ser travada. Na produção imaterial surgiria, portanto, o sujeito da nova sociedade.

Nossa conclusão partirá de três pontos centrais, a saber: a questão da materialidade e a imaterialidade do trabalho; o modelo de trabalho toyotista, visto como modo de produção que visa uma maior intensidade do trabalho, e é capturado pelos teóricos do trabalho imaterial como paradigma do novo trabalhador, visto como trabalhador participativo; e, por fim, a questão da hegemonia do trabalho imaterial.

A constituição do valor de troca e, subsequentemente, do dinheiro como equivalente geral e a mercadoria são os elementos que constituem o fundamento do pensamento marxiano sobre o processo de exploração do trabalho e extração de mais-valia, com a consequente valorização do capital. Disso podemos concluir que a rigor não há diferença conceitual entre a produção material ou imaterial. Essa dicotomia, na análise que Marx realiza da produção de mercadorias e do valor-trabalho, seria um falso problema. A produção de mais-valia, ou mais valor, não é caracterizada pela relação de transformação física dos objetos trabalhados. A teoria de Marx evidencia um conjunto específico de

relações sociais que tem por característica central a produção de mercadorias sob um objetivo particular. O objetivo da produção capitalista, não é produzir valor, mas sim produzir um número maior de mercadorias em um tempo cada vez mais reduzido.

BIBLIOGRAFIA

AMORIM, Henrique. **Trabalho Imaterial**: Marx e o debate contemporâneo. São Paulo: Annablume. 2009.

ANTUNES. R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas: Cortez. 1995.

_____. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

CAMARGO, S. **Trabalho imaterial e produção cultural**: a dialética do capitalismo tardio. São Paulo: Anablume, 2011.

CORIAT, B. **Pensar pelo avesso**: o modelo japonês de trabalho e organização. Rio de Janeiro: Revan; Ed. Da UFRJ, 1994.

FAUSTO, R. **A pós-grande indústria nos *Grundrisse*** (e para além deles). Lua Nova, v. 19, 1989.

GORZ, A. **O Imaterial**: conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. **Adeus ao proletariado**: Para além do socialismo. *Rio de Janeiro*: Forense. 1987.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro: record, 2001.

LAZZARATO, M.; NEGRI, A. **Trabalho Imaterial**: formas de vida e produção de subjetividade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Nova Cultural. 1988.

_____. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.

NEGRI, A. **Cinco lições sobre império**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

